

## Artigo original

# Prevalência de hepatite B e hepatite C entre travestis e mulheres transexuais em situação de alta vulnerabilidade social participantes do estudo TransOdara - Manaus, Amazonas, 2020-2021

Prevalence of hepatitis B and hepatitis C among *travestis* and transsexual women in vulnerable situation, participants of the TransOdara Study – Manaus, Amazonas, 2020-2021

Sara Litaiff<sup>[1]</sup>, Katia Cristina Bassichetto<sup>[2]</sup>, Kevin Byron Ferreira Uriona<sup>[3]</sup>, Dária Barroso Serrão das Neves<sup>[1]</sup>, Rita Bacuri<sup>[4]</sup>, Claudia Barros<sup>[5]</sup>, Adele Schwartz Benzaken<sup>[4]</sup>, Maria Amelia Sousa Mascena Veras<sup>[2]</sup>

<sup>[1]</sup>Universidade do Estado do Amazonas, Programa de Residência Médica de Ginecologia e Obstetrícia, Manaus, Amazonas, Brasil

<sup>[2]</sup>Santa Casa de São Paulo, Faculdade de Ciências Médicas, São Paulo, São Paulo, Brasil

<sup>[3]</sup>Universidade do Estado do Amazonas, Curso de Medicina, Manaus, Amazonas, Brasil

<sup>[4]</sup>Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane, Manaus, Amazonas, Brasil

## Autor para correspondência

Katia Cristina Bassichetto

E-mail: kbassichetto@gmail.com

Instituição: Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Endereço: Rua Dr. Cesário de Mota Junior, 61, CEP: 01221-020. São Paulo, São Paulo, Brasil

## Como citar

Litaiff S, Bassichetto KC, Uriona KBF, Neves DBS, Bacuri R, Barros C, Benzaken AS, Veras MASM. Prevalência de Hepatite B e Hepatite C entre travestis e mulheres transexuais em situação de alta vulnerabilidade social, participantes do estudo TransOdara – Manaus, Amazonas, 2020 - 2021. BEPA, Bol. epidemiol. paul. 2023; 20: e38958. doi: <https://doi.org/10.57148/bepa.2023.v.20.38958>

Primeira submissão: 30/11/2023 • Aceito para publicação: 27/12/2022 • Publicação: 07/06/2023

Editora-chefe: Regiane Cardoso de Paula

## Resumo

**Introdução:** Travestis e mulheres transexuais (TrMT) apresentam taxas desproporcionalmente elevadas de IST em comparação com o restante da população. Este estudo objetiva estimar a prevalência de hepatites B e C (VHB e VHC) entre TrMT de três subgrupos de alta vulnerabilidade social, advindas do estudo TransOdara, na cidade de Manaus, no período de novembro de 2020 a abril de 2021. **Metodologia:** O recrutamento ocorreu no Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero da Policlínica Pam/Codajás, utilizando-se *Respondent-Drive Sampling*. **Resultados:** Foram selecionadas 39 TrMT participantes, das quais 48,7% estavam em situação prisional, 28,2% em situação de área livre e 23,1% eram imigrantes. Apenas 2,5% das participantes foram diagnosticadas com VHB e 5,3% com VHC. **Conclusão:** Como as hepatites B e C são consideradas evitáveis, é necessário capacitar os profissionais da Rede Municipal de Saúde para reduzir o estigma e discriminação com que são tratadas e ampliar o acesso dessa população aos recursos de prevenção e tratamento disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS).

**Palavras-chave:** hepatite B, hepatite C, travestis, mulher transexual, estudo transversal, vulnerabilidade social.

## Abstract

**Introduction:** *Travestis* and transgender women (TrTW) have disproportionately high STI rates compared to the general population. This study aims to estimate the prevalence of hepatitis B and C (HBV and HCV) among TrTW of three subgroups of high social vulnerability, resulting from the study TransOdara, in the city of Manaus, from November 2020 to April 2021. **Methods:** Recruitment took place at the Sexual Diversity and Gender Outpatient Clinic of the Pam/Codajás Polyclinic, using Respondent-Drive Sampling. **Results:** 39 TrTW participants were selected, from which 48.7% were incarcerated, 28.2% were homeless and 23.1% were immigrants. Only 2.5% of participants were diagnosed with HBV and 5.3% with HCV. **Conclusion:** Since Hepatitis B and C are considered preventable, it is necessary to train professionals in the City Health Network to reduce the stigma and discrimination with which they are treated and expand access to this population to prevention and treatment resources available in the Unified Health System (SUS).

**Keywords:** hepatitis B, hepatitis C, *travestis*, transsexual woman, cross-sectional study, social vulnerability.

## Introdução

Travestis e mulheres transexuais (TrMT) são consideradas população de alta vulnerabilidade aos riscos de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST), por questões sociais relacionadas às condições de trabalho, moradia, estigma e preconceito, representando barreiras de acesso ao serviço de saúde.<sup>1,2</sup> Estudo realizado na Argentina,<sup>3</sup> assim como estudos feitos no Brasil,<sup>4,5</sup> verificaram prevalências altas do vírus da hepatite B (VHB) (40,2%) e da hepatite C (VHC) (4,5%) nessa população. Em outro estudo, realizado no Uruguai,<sup>6</sup> identificou-se prevalência de HBsAg de 3,0% e de 50,5% de infecção global da hepatite B em TrMT profissionais do sexo.

Nesse contexto de vulnerabilidade individual, social, comunitária e estrutural, destaca-se a violência transfóbica, que submete TrMT ao trabalho sexual como fonte de renda e sobrevivência, visto que essa população sofre com a violência extrema e com a negação de seus direitos cívicos. Em uma sociedade sem oportunidades de crescimento, como profissionais do sexo as TrMT oportunizam suas verdadeiras identidades, socialização e aceitação para se expressar. Essa situação, contudo, também as expõem a riscos. Assim, elas apresentam uma combinação de fatores de risco e situações de vulnerabilidade para as IST, como: condições socioeconômicas desfavoráveis, transformações corporais sem acompanhamento médico, práticas sexuais de risco, além de estigma e violência transfóbica.<sup>7</sup>

A dificuldade de acesso ao serviço público e, especificamente, lacunas em políticas públicas voltadas a essa população também contribuem para a baixa cobertura de vacinação como método de prevenção da hepatite B. Esse imunizante foi totalmente implementado para crianças no Brasil a partir dos anos 1990 e no ano de 2013 foi instituída a ampliação para todas as pessoas com até 49 anos de idade.<sup>8</sup> A principal medida de prevenção contra as hepatites A e B é a imunização, tendo em vista que a hepatite B raramente evolui para cura. Para a hepatite C ainda não existe vacina, mas tanto ela quanto a hepatite B podem ser prevenidas com cuidados simples. Além disso, quando há o diagnóstico, o paciente pode ser tratado no SUS.<sup>9</sup> Fica, no entanto, a questão sobre o acesso da população trans aos insumos de imunização, diagnóstico e tratamento.

Sendo assim, devido à falta de estudos abrangentes acerca da questão da hepatite viral entre as TrMT, o presente estudo objetiva estimar a prevalência de hepatite B e de hepatite C entre TrMT pertencentes a três subgrupos de alta vulnerabilidade social, como aquelas em situação prisional, aquelas em situação de área livre e as imigrantes advindas do estudo

TransOdara, na cidade de Manaus, no período de novembro de 2020 a abril de 2021. Além disso, o estudo pretende avaliar indicação e completude de vacinação contra hepatite B.

## Metodologia

O presente estudo integra o projeto intitulado "Estudo de prevalência da sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis entre travestis e mulheres transexuais: cuidado e prevenção", que foi do tipo transversal, realizado em cinco capitais brasileiras (Campo Grande, Manaus, Porto Alegre, Salvador e São Paulo), entre dezembro de 2019 e julho de 2021.

Para a seleção amostral, foi utilizada a técnica *Respondent Driven Sampling* (RDS), abordagem mais adequada para o recrutamento de populações de difícil acesso. O cálculo amostral de cada sítio foi estimado na prevalência de sífilis ativa, considerando títulos > 1:8 no VDRL. Foi fixado um efeito de desenho de 2, estabelecido com base nos resultados do estudo Divas, apresentado em Bastos e colaboradores (2018).<sup>10</sup> A amostra inicial foi de 1.250 pessoas e a final de 1.317, sendo 333 residentes de Manaus.

A coleta de dados foi realizada face a face no Ambulatório de Diversidade Sexual e Gêneros, no Pam da Codajás, com a colaboração de residentes em Ginecologia e acadêmicos de Medicina. Foram utilizados sete instrumentos: Questionário, Formulários de Aceitabilidade de Coleta e de Procedimentos Pré-Consulta, Formulário de Avaliação Clínica e Seguimento, Formulários de Aceitabilidade de Coleta e de Procedimentos Pós-Consulta e Formulário de Avaliação Laboratorial.

O presente estudo foi descritivo e realizado com a subamostra de 39 mulheres transexuais que estavam em situação de vulnerabilidade (em situação de área livre ou privadas de liberdade ou eram imigrantes). Dadas as circunstâncias, somente para o subgrupo de participantes privadas de liberdade não foi utilizada técnica de amostragem RDS.

As variáveis independentes analisadas foram as faixas etárias categorizadas em "menor de 20 anos", "20 a 29 anos", "30 a 39 anos", "40 a 49 anos", "50 a 59 anos"; etnia e/ou cor de pele autorreferida e classificada em "branca" e "parda/preta"; escolaridade "Fundamental incompleto e completo", "Ensino Médio/técnico incompleto e completo" e "Superior incompleto e completo"; sexo em troca de dinheiro, bens, drogas ou local de moradia ("sim" e "não"); e indicação para vacinação contra hepatite B e completude das doses recebidas ("sim" e "não"). A variável dependente foi o resultado positivo para hepatites, analisado por meio do reagente do teste rápido (TR).

## Análise estatística

As variáveis foram descritas por meio de frequências relativas e absolutas, estratificadas nos grupos "situação de área livre", "privadas de liberdade" e "imigrantes", para hepatites B e C. Como foram observados apenas um resultado positivo para hepatite B e dois para hepatite C, não fizemos nenhuma estratificação.

Para análise da situação vacinal contra hepatite B, foram consideradas as indicações feitas após a consulta médica. Adicionalmente, foi verificado se as participantes efetivamente retornaram para receber as doses oferecidas durante o estudo.

Todas as análises foram realizadas no Stata 14.1.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, sob o número CAAE: 05585518.7.0000.5479.

## Resultado

Foram selecionadas para o presente estudo 39 TrMT, estratificadas em categorias: 48,7% se enquadram em situação prisional, 28,2% em situação de área livre e 23,1% são imigrantes.

Além da estratificação por categoria de acordo com a situação social das participantes, foram analisadas variáveis sociodemográficas ([Tabela 1](#)). Foi verificado que 48,7% (quase metade das participantes) tinham entre 20 e 29 anos de idade, 46,2% completaram 9 anos ou menos do Ensino Fundamental e 81,6% (a maioria) se referiram como de cor preta/parda. Ademais, 72,2% afirmaram já ter feito sexo em troca de dinheiro ou bens.

**Tabela 1.** Frequência absoluta e relativa das características sociodemográficas das 39 participantes do estudo TransOdara pertencentes a três subgrupos (em situação de área livre, em situação prisional e imigrantes). Manaus Amazonas, novembro de 2020 a abril de 2021.

Variáveis	n	%
Faixa etária (n = 39)		
< 20	4	10,3
20 a 29	19	48,7
30 a 39	13	33,3
40 a 49	2	5,1
50 a 59	1	2,6
Cor de pele (n = 38)		
Branca	7	18,4
Preta/parda	31	81,6
Nível de escolaridade (n = 39)		
Fundamental incompleto e completo	18	46,2
Ensino Médio incompleto e completo	15	38,5
Ensino Superior incompleto e completo	6	15,4
Alguma vez fez sexo em troca de dinheiro (n = 36)		
Não	10	27,8
Sim	26	72,2

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Dentre as 39 TrMT participantes da pesquisa, 2,5% confirmaram diagnóstico para VHB e 5,3% para VHC, o que corresponde diretamente a um caso de hepatite B em uma participante em condição de privação de liberdade e apenas dois casos de hepatite C em uma participante em situação de área livre e em outra com privação de liberdade ([Tabela 2](#)).

**Tabela 2.** Prevalência de hepatite B e C, segundo resultado de teste rápido, entre participantes do estudo TransOdara. Manaus, Amazonas, novembro de 2020 a abril de 2021.

Subgrupos de Vulnerabilidade Social	Hepatite B				Hepatite C			
	Não		Sim		Não		Sim	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Em situação de área livre	11	100,0	0	0,0	10	90,9	1	9,1
Privadas de liberdade	18	97,5	1	2,5	18	94,7	1	5,3
Imigrantes	9	100,0	0	0,0	9	100,0	0	0,0

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Quanto à situação vacinal contra hepatite B, observou-se que, das 39 participantes, 37 (94,9%) tinham indicação para receberem esse imunizante. Quanto à completude das doses recebidas, 91,9% (34/37) receberam a 1ª dose, 16,2% (6/37) receberam a 2ª dose e nenhuma delas recebeu a 3ª dose.

## Discussão

o presente estudo incluiu e atendeu um conjunto de demandas da população de TrMT com alta vulnerabilidade social e contribuiu para a formação de profissionais de saúde no que se refere ao desenvolvimento de um olhar mais humanizado para o seu atendimento. Entretanto, o pequeno número de participantes que atendiam aos critérios de seleção prévios se configurou como uma limitação para análise das situações de vulnerabilidade pretendidas, o que pode ter levado à subestimação das prevalências dessas infecções.

Como principais achados do presente estudo destacam-se a baixa prevalência de hepatites entre as TrMT entre 20 e 39 anos de idade, dentre as quais a maioria em situação de área livre, seguida daquelas em situação prisional. Seus níveis de escolaridade eram de Ensino Fundamental e predominância de cor preta/parda, distribuídas entre os três subgrupos, característica da população de Manaus. Apenas três participantes tiveram resultado positivo para hepatite B e C.

Quanto à situação vacinal das participantes, a maioria recebeu indicação para tomar a vacina contra hepatite B ofertada pelo estudo, uma vez que parte delas não sabia se tinha sido vacinada e/ou não tinha comprovante de vacinação.

Segundo Grandi e col. (2001), as TrMT têm maiores chances de prevalência e vulnerabilidade a IST do que as outras populações-chave.<sup>11</sup> Em uma revisão bibliográfica, realizada entre 2008 e 2018, com artigos latino-americanos, na qual foram analisadas 14 publicações, apenas três apresentaram dados sobre hepatites, com prevalência de 30,8% de hepatite B (30,8%).<sup>12</sup> Em 2000, 45,0% das travestis viviam com HIV, 40% com sífilis, 63,2% com hepatite B e 14,5% com hepatite C.<sup>11,13</sup> Em outro estudo, realizado em São Paulo em 2014 com 124 TrMT, a prevalência de hepatites foi de 22%.<sup>14</sup> Dada a falta de estudos semelhantes com população residente em Manaus, há limitações de dados para um comparativo, levando à necessidade de projetos e pesquisas voltados para a temática.

Em 2019, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), juntamente com o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle de IST, do HIV/AIDS e Hepatites Virais (DIAHV), realizou, em 12 municípios e com adesão de 2.846 entrevistadas, o "Estudo de abrangência nacional de comportamentos, atitudes, práticas e prevalência para o HIV, sífilis e hepatites B e C entre travestis e mulheres trans". As maiores prevalências foram observadas na cidade de São Paulo, com 5,9% para hepatite B e 2,9% para hepatite C. Nesse estudo, foi verificada em Manaus prevalência de 2,5% de hepatite B e de 5,3% para hepatite C. Esse resultado é semelhante ao observado no presente estudo para a hepatite B. O valor observado no presente estudo para a hepatite C, no entanto, foi o dobro do observado no estudo da Fiocruz, chamando a atenção para a alta vulnerabilidade da população do estudo para essas infecções.<sup>15</sup>

Percebe-se que em decorrência de aspectos vulneráveis e sociais, como a discriminação social e violências vividas desde o processo de transição – passando pela fase educacional e familiar, que normalmente são traumáticas, a falta de segurança pública, a falta de oportunidades de trabalho e o respeito à sua identidade –, a prostituição é uma solução para se obter renda e sobreviver; entretanto, é a porta de entrada para a exposição a fatores de segurança, saúde e bem-estar.<sup>16,17</sup>

O Programa Nacional de Imunização (PNI) do SUS oferta gratuitamente imunizantes para mais de 21 patologias, dentre elas as hepatites A e B. De acordo com os protocolos vigentes, esses imunizantes são aplicados desde o nascimento até a fase idosa. Além de criar defesas para o organismo imunizando-o para possíveis doenças, a vacinação garante promoção à saúde e à vida.<sup>18</sup> Contudo, o acesso à vacina contra a hepatite A atualmente está condicionado a alguns critérios predeterminados por esse programa, mas seria desejável que passasse a incluir as pessoas vulneráveis às IST.

Sendo assim, apesar dos números encontrados entre as participantes deste estudo terem sido relativamente baixos, faz-se necessário ampliar esses pontos de atenção, principalmente

sobre aquelas em situação prisional com posterior liberdade, bem como sobre as que estão em liberdade mas em situação de área livre ou sobre as que são imigrantes. Nesses grupos, o risco quanto ao uso de drogas injetáveis, caracterizando possível contaminação por VHC, é acentuado. Além disso, as participantes estão expostas ao sexo sem segurança, que as vulnerabiliza ao VHB.

É importante ressaltar que a implantação do Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero na Policlínica PAM/Codajás, Manaus – AM, no setor de Ginecologia, juntamente com o serviço de Residência Médica de Ginecologia e Obstetrícia, no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Assistência à Saúde Integral de LGBTQIAP+ da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com a Policlínica Codajás, por meio da Portaria n. 2803/2013, tem cumprido sua missão de dar acesso a populações vulneráveis, principalmente a pessoas transexuais, para o atendimento de suas necessidades biopsicossociais, além de representar campo de formação para profissionais da área da saúde. Entretanto, há que se fortalecer os mecanismos de vínculo com a Rede Municipal de Saúde para o atendimento integral dessa população.<sup>19</sup>

Outra parceria importante a ser mencionada, que permitiu a participação de TrMT em situação prisional no presente estudo, ocorreu entre a Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, através do referido Ambulatório, a Coordenação Estadual de Saúde LGBT, o projeto TransOdara e a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária. Essa parceria objetivou romper com a invisibilidade da população trans quanto aos direitos e necessidades em diversos setores, como saúde, educação e assistência social, e proporcionar a reflexão das condições de vida dessa população, contribuindo para reduzir as vulnerabilidades, o estigma e a discriminação.<sup>20</sup>

## Conclusão

Apesar de ter sido observada baixa prevalência de hepatites B e C entre a população analisada, diante do exposto é possível incitar uma reflexão sobre a fragilidade das práticas assistenciais de atenção à saúde a TrMT, principalmente quando se encontram em condições de maior suscetibilidade. Algumas doenças para as quais há prevenção e que poderiam facilmente ser evitadas ainda persistem nessa população devido ao distanciamento entre o serviço de saúde e a demanda espontânea por sua procura. Recomendam-se, portanto, maior investimento em educação e atendimento a essa população TrMT e inclusão de forma igualitária e justa, visando reduzir estigmas e preconceitos ainda observados nas práticas clínicas de profissionais da saúde. Espera-se que sejam implementadas estratégias para ampliar o acesso dessa população ao SUS e que as TrMT sejam acolhidas com respeito e de forma igualitária e integral.

## Referências

1. Saleri NS, Graifemberghi S, Hamad el I, Minelli A, Magri S, Matteelli A. Prevalence and incidence of syphilis among South American transgender sex workers in Northern Italy. *Sex Transm Dis*. 2006;33(5):334-5.
2. Pisani E, Girault P, Gultom M, Sukartini N, Kumalawati J, Jazan S, et al. HIV, syphilis infection, and sexual practices among transgenders, male sex workers, and other men who have sex with men in Jakarta, Indonesia. *Sex Transm Infect*. 2004;80(6):536-40.
3. Dos Ramos FMS, Garcia MN, Reynaga E, Romero M, Vaulet MLG, Fermepín MR. First report on sexually transmitted infections among trans (male to female transvestites, transsexuals, or transgender) and male sex workers in Argentina: High HIV, HPV, HBV, and syphilis prevalence. *Int J Infect Dis*. 2011;15(9):7-9.
4. Grinsztejn B, Jalil EM, Monteiro L, Velasque L, Moreira RI, Garcia ACF. Unveiling of HIV dynamics among transgender women: a respondent-driven sampling study in Rio de Janeiro, Brazil. *Lancet HIV* [Internet]. [cited 2022];4(4):e169-76. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28188030>
5. Veras MAMS, Calazans GJ, de Almeida RMCS, de Freitas OCA, Giovanetti MR, Facchini R. High HIV Prevalence among Men who have Sex with Men in a Time-Location Sampling Survey, São Paulo, Brazil. *AIDS Behav*. 2015;19(9):1589-98.
6. Russi JC, Serra M, Viñoles J, Pérez MT, Ruchansky D, Alonso G. Sexual transmission of hepatitis B virus, hepatitis C virus, and human immunodeficiency virus type 1 infections among male transvestite commercial sex workers in Montevideo, Uruguay. *Am J Trop Med Hyg* [Internet]. 2003 Jun [cited 2022 Oct 23];68(6):716-20. Available from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12887033>
7. Monteiro S, Brigeiro M. Experiences of transgender women/transvestites with access to health services: Progress, limits, and tensions. *Cad Saúde Publica* 2019;35. [Internet] [cited 2022 Oct 26] Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00111318>
8. Oliveira MP, Matos MAD, Silva ÁMC, Lopes CLR, Teles SA, Matos MA. Prevalence, risk behaviors, and virological characteristics of hepatitis b virus infection in a group of men who have sex with men in Brazil: Results from a respondent-driven sampling survey. *PLoS One* 2016;11:1-14. [Internet] [cited 2022 Oct 26] Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0160916>
9. Bastos FI, Bastos LS, Coutinho C, Toledo L, Mota JC, Velasco CCA. HIV, HCV, HBV, and syphilis among transgender women from Brazil: Assessing different methods to adjust infection rates of a hard-to-reach, sparse population. *Medicine* 2018; 97: S16-S24.
10. Grandi JL. Coinfecção HIV, sífilis e hepatites B e C em travestis da cidade de São Paulo, 1992-2000. (tese). Departamento de Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo; 2001.
11. De Melo LCS; Andrade LMM; Souza VLV. Prevalência de Hepatite Viral e HIV em TrMT: uma revisão sistemática. In: Anais do 11º Congresso Brasileiro de Epidemiologia, 2021, Fortaleza. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2021. [Internet] [citado 30 outubro 2022]. Disponível em: <<https://proceedings.science/epi-2021/papers/prevalencia-de-hepatite-viral-e-hiv-em-travestis-e-mulheres-trans--uma-revisao-sistemica>>.
12. Tagliate ADS & Franco N. Travestis vivendo com HIV/Aids e seus determinantes sociais: antes e depois do diagnóstico. *Revista Brasileira De Pesquisa (Auto)biográfica*, 5(13), 419-35. [Internet] [citado 04 novembro 2022] disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p419-35>

13. Ferreira Jr S, Bergamo PMS, Nogueira FPA. Perfil de travestis e transgêneros: tuberculose e HIV/Aids na cidade de São Paulo. Rev. Panam. Saud. Públ. 2016. a 40(60):410-17.
14. Jesus JG. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. Salvador: ABEH; 2012. [Internet] [citado 04 novembro 2022] disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/233854734\\_Identidade\\_de\\_genero\\_e\\_politicas\\_de\\_afirmacao\\_identitaria](https://www.researchgate.net/publication/233854734_Identidade_de_genero_e_politicas_de_afirmacao_identitaria) (PDF) Identidade de Gênero e Políticas de Afirmação Identitária | Jaqueline Gomes de Jesus – Academia.edu.
15. BRASIL. Ministério da Saúde. Estudo traça perfil do comportamento em relação ao HIV, sífilis e hepatites virais B e C em travestis e mulheres Trans. Brasília, 2019. Disponível em: Estudo traça perfil do comportamento em relação ao HIV, sífilis e hepatites B e C em travestis e mulheres trans (aids.gov.br). Acesso em 17 de abril de 2023.
16. Mott Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. Revista Estudos Feministas [online]. 2006, v. 14, n. 2 [Acessado 28 novembro 2022], pp. 509-521. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200011>>. Epub 18 Dez 2006. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200011>
17. Silva MA, Luppi CG, Veras MASM. Trabalho e saúde na população transexual: fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 25, n. 5 [citado 14 novembro 2022], pp. 1723-34. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33082019>>. ISSN 1678-4561.
18. Ayres R. A importância da imunização e os riscos de não se vacinar. Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais, 2020. [Internet] [citado 08 outubro 2022] disponível em: A importância da imunização e os riscos de não se vacinar | Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (saude.mg.gov.br).
19. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.803, 19 de novembro de 2013. Brasília 2013. citado 11 de outubro de 2022 Disponível em: [https://bvmsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](https://bvmsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html)
20. AMAZONAS (estado). Ministério Público. MPAM em Ação: Promotora destaca a importância da garantia de direitos às pessoas trans por meio do projeto "Manas no Cárcere". Abril de 2021, Manaus, Amazonas. [Internet] [citado 04 outubro 2022] Disponível em: MPAM em Ação: Promotora destaca a importância da garantia de direitos às pessoas trans por meio do projeto "Manas no Cárcere".

## Contribuição dos autores

Sara Litaiff: participação na coleta de dados, envolvimento na interpretação dos dados e elaboração do manuscrito. Katia Cristina Bassichetto: participação na concepção do estudo, análise e interpretação dos dados e elaboração do manuscrito. Kevin Byron Ferreira Uriona: participação na coleta de dados. Daria Barroso Serrão das Neves: supervisora dos residentes e envolvimento na revisão do manuscrito. Rita Bacuri: coordenadora do campo local, envolvimento na elaboração ou revisão do manuscrito. Claudia Barros: responsável pela análise estatística dos dados e envolvimento na revisão do manuscrito. Adele Schwartz Benzaken: participação na análise/interpretação de dados e revisão do manuscrito. Maria Amelia Sousa Mascena Veras: participação significativa na concepção do estudo e responsabilidade pela exatidão e integridade de todos os aspectos da pesquisa.

## Aprovação dos autores

Os autores participaram efetivamente do trabalho, aprovam a versão final do manuscrito para publicação e assumem total responsabilidade por todos os seus aspectos, garantindo que as informações sejam precisas e confiáveis.

## Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesse de natureza política, comercial e financeira no manuscrito.

## Financiamento

O trabalho original, "Estudo de prevalência da sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis entre travestis e mulheres transexuais no Brasil: cuidado e prevenção – Estudo ISTRANS", foi financiado pelo Ministério da Saúde (DIAHV-MS) e Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), por meio da Carta Acordo N. SCON2019-00162 e celebrado com o Centro de Estudos Augusto Leopoldo Ayrosa Galvão. Para o estudo realizado em Manaus, contou-se com bolsistas do programa de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM (n. 3.732.777).